

A MEDIAÇÃO ARTÍSTICA E A CRIAÇÃO DE OUTROS ESPAÇOS DE EXPERIÊNCIA NAS ESCOLAS

JULIA PETIZ PORTO¹; CAROLINA CORRÊA ROCHEFORT²

¹UFPEL – juliapporto@gmail.com

²UFPEL – carol80cr@yahoo.com.br

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho diz do acontecimento da mediação artística e do papel do mediador na flexibilização, enquanto dobra (DELEUZE, 1996), da experiência com arte nas escolas.

Agindo no lugar entre mediadora/artista/pesquisadora no grupo Patafísica: Mediadores do Imaginário, vivi e vivo encontros que me fazem acreditar na potência da proposição artística e da criação coletiva na aproximação dos alunos, dos agentes de educação e da arte e suas multiplicidades. Para Rolnik (2017), o contato com certas proposições favorece aos que a experienciam “o acesso à sua própria potência de criação e à eventual ativação do trabalho para dela reapropriar-se, [...]”

Nesse texto proponho uma escrita das mediações que aconteceram em escolas públicas da rede municipal da cidade de Pelotas, na escola Escola Municipal Ensino Fundamental Dom Francisco de Campos Barreto, Laranjal e a na Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Augusto de Assumpção, Barro Duro.

Essas experiências de mediação criam outros espaços dentro das escolas. Fora das salas de aula e de um formato de aula ou oficina, buscamos estabelecer uma relação mais próxima e sensível com os mediados - alunos, agentes de educação, arte, mediadores, curador, etc -, menos hierárquica, mais horizontal.

Esses espaços, inventados pela presença dos que participam da mediação, que se aproxima do conceito de khôra de Derrida (1991), recebem e acolhem para que o outro esteja: presente, múltiplo, em movimento. Procurando um ambiente sensível, confortável, que dê lugar ao aprendizado e vivência da arte pela troca. Esses espaços de encontro, inventados nas mediações, criam outros espaços e reaproximam os envolvidos da arte.

2. DESENVOLVIMENTO

Os alunos do grupo Patafísica se reúnem nas tardes de segunda no Centro de Artes para atividades de pesquisa e extensão desde 2012, principalmente. O grupo de mediadores é composto por alunos envolvidos com a produção artística, o ensino de arte, a curadoria e a montagem de exposições. É no puxar, soltar e tramar dos fios entre essas áreas que atuamos. Nossos encontros são sempre conversas atravessadas por histórias e experiências de cada um e do grupo. É nessa troca que pensamos nossas propostas, pensando em como cada convite para mediação nos afeta e em suas especificidades, particularidades, hipóteses, potências e jogamos os fios no mar, na criação de espaço da mediação.

Para a mediação na escola do Barro Duro o grupo foi convidado a fazer uma mediação das obras-trabalhos dos alunos. Num sábado de sol, de temperatura alta para o fim do inverno em Pelotas, acontecia a Semana de Arte: de forma interdisciplinar a escola realizou uma semana de atividades que envolveram a arte e a realização de uma exposição dos trabalhos de arte que tiveram artistas

modernos e contemporâneos reconhecidos de referência. Paralelas a exposição dos trabalhos ocorreram diversas oficinas de Artes neste sábado.

Para a mediação pensamos em perguntas motoras: Como as crianças se encontravam com os artistas já estabelecidos na história da arte? No que essas produções as tocavam em suas produções, (se tocavam)? Como os alunos experienciaram esse encontro? Ele aconteceu? Propomos uma mediação artística que criou o desenho de um caminho afetivo no espaço da escola.

Resolvemos evitar o espaço de sala de aula, decidimos criar um espaço no meio da escola com uma “fita abelha”, uma fita de sinalização listada de amarelo e preto. A sala de aula pode provocar a memória para um engessamento corporal, uma certa dureza no corpo. Também gostávamos da ideia de não escolher nenhuma turma em particular, deixando a participação livre pra quem sentisse vontade.

Para convidar os estudantes distribuímos papéis coloridos com as cores primárias, para a partir deles formar grupos. Os grupos foram convidados a traçar caminhos pela escola, mostrando a maneira como vivem, como se relacionam com ela. Depois, propomos tramar todos os caminhos num só, e percorrê-lo desenhando em um plástico transparente enquanto caminhamos. Nesse plástico realizamos desenhos, traços dos espaços vivenciados, uma cartografia dos caminhos afetivos do espaço da escola.

A mediação na escola Barreto, na praia do Laranjal, também aconteceu numa manhã de sábado, mais fria, mas igualmente ensolarada, de atividades relativas à Semana de Artes. Para esse dia, planejamos novamente ocupar um lugar fora das salas de aula. Pensamos em um criar um espaço de partilha sobre as partilhas na escola. Ao estender uma toalha com frutas, sucos e pasteis de maçã e canela com sabor de figo e/ou banana criamos um espaço agradável, com almofadas que buscavam acolher sonhos e afetos para se estar junto. Provocamos o pensamento sobre os espaços da escola, e os espaços que desejamos que a escola tivesse. Dessa vez a ideia de fazer um piquenique trouxe a pergunta/proposição de “qual é a receita da escola?” A pergunta movimentou a mediação, colocou a conversa em ato, pensar o pensamento (DELEUZE, 1996).

3. RESULTADOS

Ao chegar na Escola Augusto Assumpção, ficamos impactados com a intensa presença de grades em todas as portas, janelas e vãos entre corredores. O pátio, percebido como um espaço de respirar e brincar, apesar de labiríntico é amplo e apresenta “três ambientes”.

Começamos a distribuir os papéis coloridos, causando estranhamento, suscitando a imaginação. Logo as crianças começaram a escolher a cor do papel, distribuir papéis para amigos. Nos encontramos no espaço que a fita de sinalização criava, e ali conversamos sobre as cores favoritas, sobre desenhar, sobre as aulas de artes, sobre o vivenciar aquele lugar.

As crianças se dividiram e decidiram o percurso da “fita abelha” de maneira espontânea e afetiva. A formação dos grupo e o trajeto foi feito pelas crianças, na hora que apresentamos a proposição, bem diferente do que havíamos planejado em uma de nossas reuniões de estudo, criação e experimentação das mediações.

Desenhamos traços, e tramamos as marcas dos caminhos percorridos no espaço da escola utilizando a fita. Os desenhos contornados pela fitas são espaços inventados: se sobrepõe ao da escola, ao redor dele e também por cima e por baixo. As crianças corriam, apropriando e criando aquele-outro espaço, ativado pelas nossas presenças.



Figura 1- desenhando o caminho. Escola Escola Municipal de Ensino Fundamental Luiz Augusto de Assumpção, Barro Duro, Pelotas/RS. 2017

Piscamos e eles já estavam correndo, cartografando seus percursos pelo pátio da escola. Quando vimos os “caminhos abelha” prontos, para a nossa surpresa, as crianças já haviam os conectado, tornando num só. Percorrendo-o uma primeira vez como uma minhoca na borda da folha, caminhamos os lugares que cada um havia escolhido incluir no nosso percurso.

Reparamos que apenas o grupo das meninas havia passado por uma das salas onde estava a exposição de releituras, feitas por elas, da obra do artista Portinari. Lá, tentamos conversar com elas sobre o processo de fazer os desenhos-releituras, mas não demonstraram interesse, deixando que a professora da turma explicasse sobre a exposição.

Os grupos, livres para percorrer e desenhar as partes do percurso que desejassem, nos levaram de volta a quadra de esportes, fomos mediadas pelas crianças que estávamos mediando.

Houve muita inquietação ao redor da proposta de desenhar caminhando numa superfície transparente. Isso é possível? E se o desenho ficar feio, errado? Alguns disseram já ter experimentado. Desenhar em uma superfície transparente, olhar atrás do suporte do traço, também causava interesse e estranhamento.

As crianças, após fazerem seus desenhos, nos falaram um pouco sobre eles e decidiram fazer mais uma exposição, pendurando-os nas grades da quadra.

Na mediação da escola Barreto chegamos com comida e suco e nos estabelecemos estendendo uma toalha de piquenique sobre o chão do pátio e nos sentamos sobre ela, convidando professores, monitores, alunos de diversas turmas.

Sentados em roda, criamos juntos um espaço para pensar aquela escola específica e como as pessoas que ali habitam vivem e se relacionam com arte, com o espaço, umas com as outras.

Nesse espaço inventado junto, o tempo é outro: o ritmo da conversa, os batimentos que se aceleram ao contar uma história, o ciclo do ar que entra e sai. Enquanto conversávamos, escrevíamos em pratos e folhas as palavras que apareciam na conversa como “ingredientes” da escola.



Figura 2 – a roda do tapete. scola Municipal Ensino Fundamental Dom Francisco de Campos Barreto, Laranjal, Pelotas/RS. 2017

Dentre os ingredientes, apareceram vezes palavras que evocavam a relação entre as pessoas, como amizade, união, diálogo, respeitar o outro, etc.

4. AVALIAÇÃO

Durante o piquenique, ao ser provocada sobre “o que mais gostava na escola?”, uma menina chamada Alice falou: “a roda do tapete!”. Um tapete com rodas? A imaginação vai longe! Ela explica que se referia a nós, sentados, sobre a toalha.

Ficamos felizes quando os mediados se apropriam das proposições, as modificam, trazem um pouco de si para a roda. Cada mediação é única pois recebe e se molda a partir do encontro entre pessoas diferente.

Nesses encontros com alunos de varias turmas e idades, professores e agentes escolares, provocamos uma outra maneira de ver e sentir o espaço que decorre do ato criativo sobre ele (ROLNIK, 2017). Com isso, talvez tenhamos tramado laços, feito com que algumas pessoas descobrissem umas as outras, levantando algumas questões sobre a arte.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G. **Conversações**. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1996.
- DERRIDA, J. **Khôra**. Campinas: Papirus. 1991.
- ROLNIK. Suely. **O saber-do-corpo nas práticas curatoriais. Driblando o inconsciente colonial-capitalístico**. Santander, Porto Alegre, 05 jun. 2017. Especiais. Acessado em 12 out. 2017. Online. Disponível em: <https://vimeo.com/173605359>